



Política Operária

Qual deve ser a posição dos estudantes e de suas organizações diante da guerra na Ucrânia?

Há quem diga que é preciso condenar a invasão militar da Rússia na Ucrânia. E resolver o conflito por meios pacíficos. Há quem diga que é preciso apoiar a invasão. Isso porque é a forma de impedir que a Ucrânia ingresse na OTAN. Assim, cada uma dessas posições procura empurrar a classe operária e suas organizações para uma armadilha. O que também pode provocar uma divisão entre os explorados: uma parte contra a Rússia e outra a favor. Quem estiver contra a Rússia, estaria favor dos Estados Unidos e da OTAN. Quem estiver a favor da Rússia, estaria contra os Estados Unidos. A campanha da imprensa está inteiramente voltada à defesa dos Estados Unidos.

Aqui começa a resposta operária contra a armadilha montada. Os Estados Unidos e a OTAN, há muito, vêm cercando a Rússia com suas bases militares no Leste Europeu. Se a Ucrânia aderir à OTAN, então, o cerco se fecha na fronteira da Rússia. Eis a primeira resposta a ser dada pela classe operária e pela juventude: *pelo desmantelamento da OTAN, pela retirada de todas as bases militares do EUA da Europa e do mundo*. A resposta começa por aí, porque o imperialismo norte-americano é o maior responsável pelo fato de a Rússia ter reagido por meio da invasão da Ucrânia. A juventude deve se unir aos operários e suas organizações do mundo inteiro, e levantar a bandeira: *Fora os EUA da Europa, e fim da OTAN!*

Em seguida, vem a segunda resposta. A Rússia saiu em defesa própria, não para expulsar o imperialismo norte-americano, mas para manter seu domínio regional sobre as ex-repúblicas soviéticas, que resultaram da desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). A Ucrânia, portanto, ou deve estar sob o controle da burgue-

sia europeia e dos Estados Unidos, ou da oligarquia pró-capitalista da Rússia. Assim, a Ucrânia não teria uma real independência e autodeterminação como nação. Eis por que apoiar a invasão da Ucrânia significa apoiar a dominação da Rússia sobre todas as ex-repúblicas soviéticas.

Então, a classe operária, a juventude e suas organizações deverão ficar neutras? Absolutamente, NÃO! Devem levantar-se na Ucrânia, Rússia, Europa, Estados Unidos e em todo o mundo, com suas bandeiras próprias, seus métodos de luta e democracia proletária. Eis as principais bandeiras: *desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; autodeterminação e unidade nacional da Ucrânia, e retirada imediata das tropas russas do território ucraniano*. Esse é o ponto de partida da resposta operária diante do cerco imperialista à Rússia e da invasão da Ucrânia pela Rússia.

O Boletim Nacional da Corrente Proletária Estudantil rejeita a farsa de que esse choque pode ser resolvido pela via pacífica. A classe operária está obrigada a sair em luta, com greves, manifestações, bloqueios e ocupações. E a juventude deve estar a seu lado.

O Boletim Nacional da Corrente Proletária Estudantil defende que os sindicatos e organizações políticas, bem como a juventude e suas organizações gerais, assim como todas aquelas que se reivindicam dos trabalhadores, iniciem uma mobilização, sob as bandeiras: 1) *Desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; autodeterminação e unidade nacional da Ucrânia, e retirada imediata das tropas russas do território ucraniano*; 2) *unidade mundial da classe operária contra a militarização imperialista, e contra a opressão das potências sobre as ex-repúblicas soviéticas*.

**Eis as principais bandeiras:
desmantelamento da OTAN
e das bases militares norte-americanas; autodeterminação
e unidade nacional da Ucrânia,
e retirada imediata das tropas
russas do território ucraniano.
Esse é o ponto de partida da
resposta operária diante do cerco
imperialista à Rússia e da invasão
da Ucrânia pela Rússia.**

UNE defende instituição privada

Em defesa de um sistema único de ensino público, gratuito e a todos

No começo de 2022, a UNE defendeu o refinanciamento da dívida de estudantes de faculdades privadas, e a maior regulamentação das instituições privadas de ensino superior. Informa que o Brasil possui um milhão e duzentos mil estudantes inadimplentes do FIES (Fundo de Financiamento Estudantil), e avalia a medida provisória, que perdoa parte da dívida, uma vitória do movimento estudantil, apesar de prever o parcelamento em até 12,5 anos sobre o valor total, para alguns casos. Quanto a regulamentação, a UNE queixa-se de outra medida provisória, que enfraquece a regulamenta-

ção, permitindo as instituições de ensino privado definirem arbitrariamente sobre o número de bolsas e percentuais ofertados, assim como o número de vagas totais oferecidas.

Como se vê, a UNE sai em defesa dos interesses das instituições privadas. Seu domínio sobre o ensino superior, assim como sua existência, não são contestados. Apenas o teor das medidas provisórias é analisado, limitando-se a melhorias, por meio de emendas. A UNE tornou-se um sustentáculo das instituições privadas de ensino, avalizando a mercantilização da educação, e abandonando a luta

pelo sistema único de ensino, público, gratuito e universal, o que de fato garantiria a Educação enquanto um direito democrático, e não um privilégio de quem pode pagar. A juventude proletarizada deve rechaçar essa política colaboracionista da direção da UNE, e lutar pela educação pública e gratuita, o que passa pela defesa da expropriação, sem indenização, de todas as instituições de ensino privada. Na conquista dessa reivindicação, será necessário varrer com essas direções de conciliação, e erguer em seu lugar uma direção com um programa proletário para a educação.

USP: Direção do DCE se humilha e se subordina ao novo reitor

Ao fim de janeiro, tomou posse o novo reitor da USP, Carlos Carlotti, eleito com um programa apresentado como de oposição (seu programa contém uma mescla de alckminismo com petismo), mas que expressa em geral a continuidade da administração privatista de Vahan Agopyan. A direção do DCE (PT/PCdoB) não hesitou em se organizar e comparecer, com dezenas de seus diretores, na cerimônia de posse do novo reitor, buscando dar legitimidade ao comando da burocracia universitária. De forma humilhante, seus diretores, que foram barrados na entrada, aguardaram do lado de fora da cerimônia, até sua conclusão, para entregar uma carta com "*demandas estudantis*", sem especificar publicamente quais, ao novo reitor.

Desde o início da Pandemia, a atual direção do DCE se opôs explicitamente a convocar assembleias, para defender a organização e luta do movimento estudantil por seus métodos próprios, no contexto de crise econômica e sanitária. Sustentou a aplicação integral do ensino a distância. Boicotou a luta dos moradores do conjunto residencial (CRUSP), contra o abandono em meio à Pandemia e, mais recentemente, contra a ofensiva

da reitoria sob o direito de moradia estudantil, que interditou todo um bloco de moradia (cerca de 70 apartamentos), sob o pretexto de reforma, e vem fechando parcerias com empresas privadas. Sob o pretexto da política burguesa de isolamento social, essa direção se mantém no comando do DCE, prorrogando seu mandato, sem convocar novas eleições.

O movimento estudantil da USP precisa superar sua direção burocrática e conciliadora, que se opõe aos métodos de organização e luta próprios do movimento estudantil, e se subordina à burocracia universitária. Na volta às aulas, o movimento precisa encampar a campanha pela convocação de uma assembleia geral na USP, como meio de reorganizar o movimento estudantil, para erguer e lutar pelas reivindicações mais sentidas e gerais dos estudantes, e aprovar a realização de eleições para a direção do DCE. Precisamos de uma nova direção, que lute pelo fim do reitorado e instalação do governo tripartite (dos 3 setores), eleito diretamente e pelo voto universal, com revogabilidade de mandato, e subordinado à assembleia geral universitária, composta por estudantes, funcionários e professores.